

Por Caroline Martin  
Especial para *O Papel*  
Colaborou: Thais Santi



# Ano rígido e desafiante exigirá estratégias certeiras e diferenciais competitivos da indústria de celulose e papel

Suzano Papel e Celulose celebrou o primeiro ano de operação da Unidade Imperatriz (MA) no final de 2014

## Referências do setor e players da indústria nacional fazem balanço de 2014, justificam expectativas e revelam planos para 2015

O ritmo lento do crescimento da economia brasileira que gerou preocupação por parte de diferentes atores da indústria nacional ao longo de 2014 se confirmou nos últimos resultados do Produto Interno Bruto (PIB), apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De julho a setembro do ano passado, ocorreu um tímido avanço de 0,1% em relação ao trimestre anterior, resultando em um PIB de R\$ 1,289 trilhão. Ainda conforme os dados do Instituto, no período de janeiro a setembro de 2014, a economia teve expansão de 0,2% na comparação com o mesmo período de 2013. Já no acumulado em quatro trimestres, a alta foi de 0,7%.

Apesar do contexto econômico pouco animador, a indústria brasileira de celulose apresentou resultados satisfatórios em 2014. Os dados preliminares da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) mostram que, no ano passado, a produção da commodity atingiu 16,5 milhões de toneladas, com alta de 8,8% sobre o volume de 2013, que foi de 15,1 milhões de

toneladas. Já o volume das vendas de celulose no mercado doméstico cresceu 5,5% em relação ao ano anterior, atingindo 1,8 milhão de toneladas, enquanto o volume das exportações do produto totalizou 10,6 milhões de toneladas, com alta de 12,6% em relação ao mesmo período de 2013, quando as exportações atingiram 9,4 milhões de toneladas.

Detalhando o contexto que envolve a indústria nacional, Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da Ibá, frisa que o processo de desaceleração da economia brasileira vem sendo acompanhado pelo aumento da inflação, combinação que resulta na redução do poder de consumo de bens e serviços pela população. "Além disso, o País vem perdendo competitividade, o que não oferece garantias de investimentos", completa Elizabeth. Contudo, a desoneração da folha de pagamento e a volta do Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra), anunciadas em caráter permanente em 2014, se destacaram como medidas importantes para incrementar os segmentos que compõem o setor de árvores plantadas.



DIVULGAÇÃO SUZANO

poucos da área de manufatura a dar resultados positivos na economia brasileira, tendo, inclusive, de certo modo impulsionado o PIB industrial no ano. “Enquanto setores mais focados no mercado interno e na importação estão em queda de produção industrial e estocagem de produtos, a celulose brasileira segue firme em exportação, principalmente para os países europeus que têm se recuperado da crise, como a Itália. Em sua pauta de importação com o Brasil, encontramos a celulose como a segunda principal compra do país, com quase 2% do total do comércio com o Brasil. Apesar de baixo, é um número muito significativo para um país que tem sofrido nos últimos anos e continua sendo um dos integrantes do PIIGS (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha) mais fragilizados economicamente”, detalha.

Os players brasileiros continuam explorando o potencial de compra chinês, apesar da recente desaceleração de sua economia no último trimestre de 2014 (que em números brutos segue apresentando crescimento de cerca de 7%), que resultou em um ritmo de compra diminuído. “Mesmo que desacelere um pouco, a China deve continuar sendo um dos principais mercados da celulose brasileira”, aposta Almeida. Os últimos dados apresentados pela Iba confirmam a tendência: em 2014, as exportações para a Europa somaram US\$ 2,1 bilhões. As vendas de celulose para a China, o segundo maior mercado para esse produto brasileiro, totalizaram US\$ 1,7 bilhão, com aumento de 8,2% na comparação com 2013. Os Estados Unidos aparecem como o terceiro mercado para a celulose brasileira, com exportações que somaram US\$ 974 milhões no acumulado de 2014.

Elizabeth lembra que o mercado de produtos de base florestal está intimamente ligado às questões macroeconômicas globais. Ela cita que dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) indicam que, durante 2013 e 2014, as maiores economias mundiais demonstraram uma suave recuperação da crise financeira mundial em 2008 e 2009, iniciada a partir do sistema bancário norte-americano. “A recuperação tem se dado de maneira um pouco mais consistente nos Estados Unidos e com ritmo mais tênue na Europa.” Em contrapartida, a economia de países emergentes, como China e Índia, que foram o motor do crescimento mundial entre 2009 e 2011, está em desaceleração desde 2012. “Apesar desse cenário macroeconômico, o setor de árvores plantadas conseguiu manter os índices de produção e fechou 2014 registrando alta em alguns dos principais segmentos”, diz ela ao completar a análise.

Também avaliando o desempenho da indústria brasileira de celulose ao longo do último ano, José Othon de Almeida, sócio líder da Deloitte para o atendimento às indústrias manufatureiras, afirma que o setor é um dos



DIVULGAÇÃO IBA

“Apesar do cenário macroeconômico, o setor de árvores plantadas conseguiu manter os índices de produção e fechou 2014 registrando alta em alguns dos principais segmentos”, aponta Elizabeth

ABTCP/SÉRGIO BRITO



Neves: embora o balanço da indústria de papel não seja tão positivo quanto o apresentado pelo segmento de celulose, há segmentos que se destacaram, com bons resultados

O crescente consumo de celulose na América Latina também contribuiu com o desempenho das empresas do segmento. “Apesar de as regiões mais maduras continuarem tendo papel indispensável a essa indústria, a América Latina vem demonstrando seu vigor. Em termos de consumo de celulose para papel, a região apresenta uma demanda bem menor se comparada aos mercados maduros, porém não para de crescer”, pontua Márcio Cota, executivo com mais de 15 anos de experiência no segmento de celulose da América Latina.

Ainda de acordo com Cota, fica claro que, como região emergente, a América Latina está aquém das proporções da China, mas isso não a impede de se posicionar como região atrativa para vários produtores de celulose. “Há

O portfólio diversificado de clientes da Eldorado está distribuído pelas principais regiões consumidoras de celulose do mundo

cinco anos, a realidade vista nos países latino-americanos era outra, com crescimento ainda bastante tímido. O fato é que, ao longo dos últimos anos, esse crescimento constante atingiu volumes interessantes e, atualmente, vem atraindo grandes players estrangeiros”, justifica ele, fazendo a contextualização. “Esses novos players que se instalaram na região enfatizam o potencial da América Latina e já despertam interesse de outros estrangeiros em busca de oportunidades.”

A depreciação do real em relação ao dólar despontou como outro fator que beneficiou a produção e a exportação da commodity. “A questão cambial vem ajudando a equilibrar algumas perdas estruturais, a exemplo dos elevados custos com logística e dos gargalos de infraestrutura”, diz Manoel Neves, gerente de Estudos Econômicos da Pöyry Tecnologia, enfatizando que tais problemas só devem ser solucionados em médio e longo prazo. “Algumas movimentações feitas em 2014 são positivas, como a nova Lei dos Portos e a questão da flexibilização quanto a concessões ferroviárias. Trata-se de ações que certamente trarão impactos positivos ao setor, mas esses reflexos só serão vistos mais adiante.”

Embora a contínua desvalorização do câmbio brasileiro em relação ao dólar norte-americano seja um bom atrativo de venda para o comprador, já que os preços do exportador ficam mais baixos no mercado internacional, também pode influenciar negativamente a quantidade de vendas de celulose exportadas pelo País até o início de 2015. “A alta depreciação da moeda cambial traz um indício de aumento no risco país, causando um arrefecimento nas compras da matéria-prima no curto prazo”, alerta Almeida, da Deloitte. Ele acredita que, para controlar a situação, o governo deverá tomar medidas dentro da própria indústria para levar a uma queda nos preços básicos de insumo de produção, para que possam ser repassados ao preço final, considerado hoje muito elevado pelos compradores internacionais.

Direcionando o olhar ao desempenho dos segmentos que compõem a indústria nacional de papel em 2014, os dados da Iba informam que, no ano passado, a produção de papéis atingiu 10,4 milhões de toneladas, mantendo-se estável em relação a 2013. As vendas no mercado doméstico também mantiveram o patamar do ano anterior, fechando em 5,7 milhões de toneladas.

“O ano acabou sendo complicado para os compradores nacionais de celulose, que tiveram o preço em reais impactado em curto espaço de tempo”, analisa Cota. Vendido em moeda nacional, o papel passa por toda uma cadeia até chegar ao consumidor final. “Nesse período, de transição entre o preço de compra da celulose e o valor de venda de seu produto, há um tempo de



DIVULGAÇÃO ELDORADO

absorção desses custos. Embora a volatilidade do dólar não seja uma novidade para esses players e eles tenham capacidade de assimilar tais custos, não deixaram de enfrentar meses difíceis, sem repassar tais custos para a frente”, completa.

Segundo avaliação do gerente de Estudos Econômicos da Pöyry, alguns resultados podem ser comemorados. “Houve um incremento significativo por parte de certos segmentos. Vimos um crescimento importante nas exportações de papel para embalagem”, exemplifica, citando que em 2014 foram exportadas 674 mil toneladas do produto, o que representa crescimento de 8,9% em relação a 2013, quando foram exportadas 619 mil toneladas, conforme a Ibá. “Além da desaceleração do mercado interno, o fortalecimento da competitividade desses players no exterior é reflexo do enfraquecimento do real em relação ao dólar. Eu diria, portanto, que o balanço da indústria de papel não é tão positivo quanto o apresentado pelo segmento de celulose, mas há segmentos que se destacaram e tiveram bons resultados”, enfatiza.

Entre tais segmentos, Neves também cita o de tissue. As melhorias de renda e de hábitos de higiene continuam impactando positivamente o desempenho desses players. “O crescimento médio global de 3,5% a 4% (a região Nordeste, por exemplo, chegou a apresentar crescimento de 7% em determinados períodos de 2014), dentro de um contexto cujo PIB, em números preliminares, cresceu 0,5% no ano, faz do segmento a estrela da indústria nacional de papel em termos de resultados.”

Ainda de acordo com o gerente de Estudos Econômicos da Pöyry, o segmento de imprimir e escrever é mais um que despontou com resultados satisfatórios no ano passado. O setor deve registrar um crescimento máximo de 1% em comparação a 2013. “Considerando o contexto global, que segue em contínuo declínio em função da concorrência dos meios digitais, o resultado é uma boa notícia. O aumento do poder aquisitivo da população e as melhorias de educação ainda proporcionam esse crescimento visto no Brasil”, faz a análise.

O consumo *per capita* de papel no Brasil, que saltou de 40 kg para 50 kg entre 2005 e 2013, também merece créditos. Apesar da estagnação dos últimos anos, Neves frisa que o salto e o volume atual não deixam de ser interessantes. “Um crescimento econômico mais expressivo poderia puxar ainda mais isso, mas, por enquanto, o aumento já é significativo.” O trabalho realizado por entidades do setor em defesa do fortalecimento da competitividade dos papéis nacionais também tem surtido efeito positivo. **(Confira mais detalhes no box “Ajustando o mercado de papel nacional”.)**

## Perspectivas incluem ampliação de portfólio e fusões

Diante do balanço de 2014 e do atual cenário econômico brasileiro e internacional, o ano recém-iniciado promete ser austero. “As empresas buscarão melhorar os resultados econômicos, para avançar em 2016”, prospecta a presidente executiva da Ibá. Elizabeth acredita que a política econômica será de fundamental importância para garantir a competitividade do setor de árvores plantadas. “O setor precisa de um novo e melhor ambiente de negócios para atrair investimentos.” Não sem motivo, a questão da perda de competitividade é um tema constante na agenda do setor, “principalmente porque os demais mercados estão cada vez mais competitivos”, ressalta ela.

Elizabeth informa que, neste ano, continuam em pauta outras demandas muito relevantes à indústria nacional, como a redução da carga tributária sobre investimentos, a melhoria da infraestrutura nacional e o debate sobre terceirização. “O acompanhamento das negociações do governo brasileiro para acordos de comércio, especialmente do Mercosul com a União Europeia, e uma atuação constante para combater a concorrência desleal a prejudicar alguns dos segmentos de produtos do setor estão entre as metas da Ibá”, completa.

A atenção sobre a ampliação do portfólio atual tende a ser redobrada neste ano. Segundo Neves, da Pöyry, os players de celulose e papel devem intensificar o aproveitamento da geração de energia verde. “Está claro o crescente interesse em otimizar o uso de energia renovável produzida pelos parques fabris, seja em novos projetos, seja em reformas das plantas mais antigas”, diz sobre o

Lwarcel Celulose gerou uma receita média de R\$ 476 milhões em 2014, valor que representa um aumento de 6% em relação ao ano de 2013



DIVULGAÇÃO LWARCEL

subproduto, que já é realidade nas fábricas. “Embora o Brasil ainda não tenha leis específicas sobre energia verde, os grandes players já estão explorando fortemente esse aspecto. Tornou-se muito interessante vender energia para o gride.”

André da Hora, gerente do BNDES e coordenador do Comitê Executivo de Celulose e Papel no Plano Brasil Maior, observa que as empresas líderes vêm investindo cada vez mais em soluções que passam pelo uso mais eficiente de seu parque industrial. “Eficiente no sentido de agregar maior valor a seus ativos, buscando reduzir perdas ao longo do processo produtivo e dando novo uso a subprodutos originários do processo de fabricação da celulose”, esclarece. Da Hora acredita que esses passos são o embrião para transformar as fábricas de celulose atuais em biorrefinarias. “Fábricas com idade tecnológica mais eleva-

da e de menor escala ou ainda fábricas que se encontram em regiões geográficas de maior custo florestal serão as primeiras a iniciar esse processo de transformação. De qualquer forma, entendo ser esse um caminho sem volta.”

Outra tendência que claramente se fortaleceu em 2014 e deve se estender ao longo deste ano é o ciclo de fusões e aquisições entre os segmentos de papel, em especial o de embalagem e o de tissue. “Alguns players internacionais que já estão no Brasil e outros que ainda não atuam localmente estão olhando mais atentamente para o segmento de embalagem brasileiro. Fusões e aquisições devem acontecer gradativamente”, aponta o gerente de Estudos Econômicos da Pöyry. Neves pondera que, para essa tendência se concretizar, o desempenho do Brasil relativo a macroeconomia, infraestrutura e legislação preci-

## AJUSTANDO O MERCADO DE PAPEL NACIONAL

**Por Thais Santi**

Um dos grandes gargalos que impedem o bom desempenho do mercado de papel é a concorrência desleal ocasionada por desvios e fraudes no uso do papel imune, o que implica perda de competitividade e enfraquecimento da indústria do setor de papel como um todo. “O desvio pode acontecer em qualquer ponto da cadeia, mas é sempre danoso. O País perde em tributos, que poderiam ser revertidos para melhorias sociais, como o próprio incentivo à educação, à cultura e à informação, que traria benefícios diretos, inclusive para a cadeia do papel e da impressão”, afirma Levi Ceregado, presidente nacional da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf).

Para driblar essa situação, algumas iniciativas das entidades do setor e das próprias empresas em defesa de regulamentações têm contribuído para o melhor desempenho do setor. Em 25 de outubro de 2013, foi lançada a Campanha de Conscientização do Uso do Papel Imune por meio da Abigraf, da Associação Nacional dos Distribuidores de Papel (Andipa) e da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) e ainda das empresas signatárias, que se comprometeram com a causa pela transparência das suas operações.

Outro marco importante foi a implantação do Sistema de Registro e Controle das Operações com Papel Imune (Recopi), que começou em São Paulo e já foi adotado por 17 Estados brasileiros. “Entendendo que, para potencializar a fiscalização era preciso distinguir o produto com direito a imunidade tributária daquele destinado a outros fins, as entidades se uniram novamente e trabalharam pela implantação da Lei da Embalagem (nº 12.649/2012), em vigor desde outubro de 2013, que exige rotulagem especial para os papéis nacionais ou importados vendidos com imunidade de impostos”, conta Vitor Paulo de Andrade, presidente do Conselho Diretor da Andipa.

Com o Recopi em vigor, conforme dados até agosto de 2014, foram descredenciados 249 contribuintes e lavrados 262 autos de infração, totalizando R\$ 532 milhões em impostos, juros e multas. “Diante do histórico de atuação contra os desvios de finalidade, o setor deu mais um importante passo ao promover boas práti-

cas de comercialização e consumo do papel imune, incentivando o compromisso público e individual de cada agente da cadeia do papel, seja produtor, vendedor ou consumidor, formando um cadastro positivo, um ciclo virtuoso e uma nova cultura setorial”, comenta Andrade.

“As medidas são importantes, mas ainda é preciso reforçar a fiscalização para que sejam cumpridas e se tornem efetivas”, afirma Elizabeth. Ela destaca a importância da rotulagem das embalagens de papel imune, que tem colaborado para o controle das operações de forma diferenciada, pois torna visível sua finalidade de uso na cadeia produtiva. “Também é fundamental a adesão dos Estados que ainda não estão no Recopi, para que esse controle seja, de fato, nacional e chegue aos objetivos propostos”, ressalta a presidente executiva da Ibá.

O mercado de papel tem comportamentos e demandas distintas, de acordo com o tipo de produto e sua aplicação. De qualquer forma, é possível afirmar que o papel imune, de uso exclusivo do segmento editorial, já é impactado pelas mídias eletrônicas e em transformação. Na prática, já é possível prever uma redução nesses volumes. “Faltam, porém, indicadores confiáveis e transparentes sobre os volumes efetivamente comercializados com imunidade tributária, tanto do papel nacional quanto do importado”, destaca o presidente do Conselho Diretor da Andipa.

“Se o rigor na fiscalização permite apreensões e autuações por desvios de papel imune, as ações de conscientização contribuem para reduzir o mercado dos infratores, que se beneficiavam da suposta isenção de comprador de boa-fé. Hoje, nenhum agente do setor pode alegar inocência em operações que envolvem papel imune desviado. Dessa forma, estamos protegendo o mercado de papel comercial, assegurando a competitividade das empresas sérias e éticas”, finaliza Andrade.

A Andipa defende que se deve avaliar também a redução das alíquotas de forma que a diferença entre o papel tributado e o imune seja menor e desestimule a fraude, ampliando a base de arrecadação.

sa melhorar. “Em termos estruturais, o mercado reúne condições de receber novos investimentos, mas há um contexto mais amplo envolvido”, reforça.

Tal tendência de consolidação foi abordada em recente palestra online realizada por Jon Kerr, consultor sênior da Fisher International. Ele esclareceu que toda indústria passa por fase de consolidação de mercado, mas existem diferentes estágios para isso. Nos vários segmentos da indústria global de celulose e papel, isso também é assim. Kerr exemplificou que mercados emergentes tendem a demorar mais para atingir os estágios de consolidação quando comparados a mercados mais maduros. Segundo ele, as consolidações também acontecem quando há necessidade de diluir os custos fixos por tonelada produzida. A lógica é simples: produzindo mais, gasta-se menos, além do capital maior, que permite investimentos em inovação, e dos ganhos em desempenho.

O mercado de BHKP, incluindo todos os tipos de fibra curta branqueada, ainda não está consolidado, tendo o maior acionista uma participação de apenas 13%. Kerr explica que, como a capacidade ainda está crescendo de forma relativamente rápida, é improvável que o mercado se consolide tão cedo. Isso não quer dizer, porém, que não haverá fusões e aquisições; apenas que há um longo caminho a ser percorrido antes de o setor alcançar níveis de consolidação comparáveis aos de papel na América do Norte. Mais detalhes sobre o cenário internacional do setor de celulose e papel podem ser conferidos no box **“Mudanças à vista no mercado internacional de papel e celulose”**.

### Investimentos do setor devem bater em R\$ 30 bilhões até 2018

Fazendo um retrospecto dos investimentos realizados nos últimos anos pela indústria de celulose e papel, da Hora informa que, em 2012 e 2013, o setor realizou investimentos bastante expressivos, principalmente em função das novas fábricas de celulose e plantios de florestas para suportar a produção futura. “Os investimentos totalizaram R\$ 12,9 bilhões, sendo R\$ 7,8 bilhões em celulose, R\$ 2,1 bilhões em papéis e R\$ 3,0 bilhões em base florestal para produção de celulose e painéis de madeira.”

A projeção de investimentos para o período de 2014 a 2018, ainda de acordo com o gerente do BNDES, é de R\$ 30 bilhões, sendo R\$ 19 bilhões para celulose, R\$ 5,5 bilhões para papéis e R\$ 5,7 bilhões para base florestal. “Os investimentos em celulose no Brasil estão diretamente ligados ao crescimento de produção/consumo de papéis em âmbito global, principalmente na China, que

responde hoje por aproximadamente 35% da demanda global de celulose de mercado. Em BHKP especificamente, a China importa hoje algo entre 6 milhões e 7 milhões de toneladas anuais, sendo que, desse total, de 35% a 40% são originários do Brasil, o que mostra grande interdependência entre os países”, contextualiza da Hora. Ele informa ainda que tal interdependência leva à conclusão de que uma desaceleração mais brusca da China poderia trazer impactos no volume ou no preço de exportação da celulose brasileira, com reflexos no retorno dos novos projetos. “Na Europa e nos Estados Unidos, há uma maior certeza quanto aos rumos da economia, ainda que não se espere crescimento significativo nos próximos anos”, pontua ele sobre o segmento.

De qualquer forma, o gerente do BNDES frisa que o espaço para as novas plantas adicionadas no Brasil está no deslocamento dos parques de maior custo, posicionados principalmente no hemisfério norte, e também na substituição da fibra longa – questões calcadas na alta competitividade da indústria de base florestal brasileira. “Esse deslocamento, entretanto, está atingindo um limite: a comentada horizontalização da curva. Além disso, a substituição da fibra também tem um limite técnico, o que nos remete novamente às perspectivas de crescimento global e, mais uma vez, à interdependência da China”, aprofunda a análise.

Em relação aos investimentos nos segmentos de papel, da Hora diz que a ótica continua sendo mais voltada ao mercado interno. “Nos próximos anos a economia deverá passar por ajustes, que poderão ter maior ou menor impacto no consumo, a depender da natureza e da profundidade dos ajustes que vierem a ser adotados”, direciona.

A questão da perda de competitividade será um tema constante na agenda do setor em 2015

A projeção de investimentos para o período de 2014 a 2018, de acordo com o gerente do BNDES, é de R\$ 30 bilhões

ABTCP/GUILHERME BALCONI



## Players fazem balanço de 2014 e revelam metas para 2015

Os resultados apresentados pela Eldorado Brasil Celulose, de janeiro a setembro de 2014, deixaram a empresa bastante satisfeita. "Em dezembro, mais precisamente no dia 12, completamos dois anos de atividades com muitos motivos para comemorações, pois mesmo com pouco tempo no mercado já somos um player respeitado no mercado mundial de celulose", afirma José Carlos Grubisich, presidente da empresa.

Ao longo desses dois anos iniciais, a gestão baseada em inovação, competitividade e sustentabilidade marcou as atividades da Eldorado. "Permitiu ainda o desenvolvimento e a adaptação de tecnologias, como os drones (veículos aéreos não tripulados), usados para mapeamento das florestas, diversificação da base de clientes e certificações de qualidade internacionais", cita o presidente, completando que o foco no desenvolvimento de pessoas e da comunidade pode ser observado pelo processo de primarização das operações, com aumento do efetivo próprio em cerca de 40%.

Em 2013, a empresa passou por meses de curva de aprendizado e ajustes para produção plena, "o que em 2014 já permitiu não só produzir a capacidade nominal inicial da fábrica (1,5 milhão de toneladas de celulose), mas também ter capacidade técnica e autorização para ampliá-la para 1,7 milhão de toneladas por ano", resume Grubisich sobre os pouco mais de 24 meses de operação e os planos para os próximos.

Com relação à situação de mercado vista em 2014, o

presidente da Eldorado aponta que as reduções de capacidades de produção nos Estados Unidos e na Europa, que chegaram a aproximadamente 600 mil toneladas, foram um dos responsáveis pelo equilíbrio entre oferta e demanda do mercado mundial. "O setor de celulose também foi beneficiado pelo crescimento do mercado mundial, liderado em especial pelo segmento de papéis de higiene pessoal e pela competitividade do Brasil no plantio do eucalipto como matéria-prima de celulose. Além disso, atualmente os setores exportadores são positivamente impactados pela desvalorização do real", faz o balanço.

Focando na experiência da empresa, Grubisich revela que o diversificado portfólio de clientes está distribuído pelas principais regiões consumidoras de celulose do mundo. As exportações para a Ásia representam cerca de 40% do total produzido pela Eldorado, figurando a China como principal mercado. "Para atendê-los, temos, inclusive, escritório, centro de distribuição e uma equipe comercial alocada em Xangai. O mercado interno também tem aceitado muito bem nossa celulose e representa cerca de 10% de nossa produção total. Para complementar, a Europa recebe 35%; a América do Norte, 10%, e a América Latina, 5%."

A produção de celulose desponta como negócio exclusivo da Eldorado atualmente. Contudo, a autossuficiência em energia, produzida à base de biomassa, aparece como outra frente rentável à empresa. "De toda a energia gerada, utiliza-se quase metade no processo de produção de celulose e parte é distribuída para nossos parceiros, localizados dentro do complexo industrial de Três Lagoas (MS). O restante, em torno de 30 MW, é vendido ao sistema elétrico nacional. Com essa prática sustentável, contribuímos com energia para o mercado livre brasileiro", reforça Grubisich sobre outro aspecto positivo.

No que se refere às produções adicionais previstas para a segunda metade de 2015, a Eldorado acredita que serão absorvidas por um mercado de celulose de fibra curta que demanda ano a ano entre 1% e 1,5% a mais, o que representa a necessidade de mais 1 milhão de toneladas por ano. "Ou seja, as expectativas tanto de preço quanto de mercado são positivas para 2015", aposta o presidente. "Em 2014 registramos o recorde mundial de produção diária na nossa fábrica de Três Lagoas, com a incrível marca de 5.300 toneladas em um único dia e produzimos mais de 28 milhões de mudas no ano. Fatos como esses nos dão a certeza de que podemos aumentar ainda mais nossa eficiência e presença no setor entre os players mundiais de celulose", completa, justificando a previsão otimista.

A Fibria encerrou 2014 com lucro líquido de R\$ 163 milhões, ainda que a desvalorização cambial tenha impactado negativamente seu resultado financeiro



DIVULGAÇÃO FIBRIA

O Grupo Lwart também se encontra entre os players com motivos para comemorar os resultados de 2014 e apostar numa continuidade positiva em 2015, apesar das adversidades ocasionadas pela perspectiva de baixo crescimento do País. A soma das receitas das duas empresas da organização, Lwart Lubrificantes e Lwarcel Celulose, foi de R\$ 830 milhões no ano passado.

Empresa de maior faturamento do Grupo, a Lwarcel Celulose gerou uma receita média de R\$ 476 milhões em 2014, valor que representa um aumento de 6% em relação a 2013. Carlos Renato Trecenti, presidente do Grupo Lwart, credita a alta no faturamento à maior venda de energia excedente produzida pela fábrica, o que ajudou a driblar as oscilações de preço da commodity acarretadas pela recente entrada de novas capacidades no mercado. Segundo ele, a Lwarcel, com a central termoeletrica que possui e ainda o sistema de caldeira de recuperação e turbogerador, ultrapassa os 30 MW de potência instalada. A energia gerada abastece todo o Grupo Lwart, que comercializa o excedente no mercado livre.

Para 2015, a empresa pretende seguir com a exportação de energia ao gride e com a produção média de 250 mil toneladas de celulose. "Projetamos aumentar o faturamento na ordem de 4%, com os efeitos positivos do preço da celulose e da taxa de câmbio, fatores que começaram a melhorar e a nos beneficiar nos últimos meses", avalia Luis Künzel, diretor-geral da Unidade de Lençóis Paulista (SP). Vale lembrar que, em 2012, a unidade anunciou os planos de ampliação da sua fábrica. A meta é produzir 1 milhão de toneladas de celulose por ano, quadruplicando a atual produção. Künzel informa que a engenharia básica foi concluída no ano passado e, ao longo deste, a empresa pretende definir a estrutura financeira e os parceiros do projeto.

A Fibria encerrou 2014 com lucro líquido de R\$ 163 milhões, ainda que a desvalorização cambial tenha impactado negativamente seu resultado financeiro. Com o resultado positivo, o dividendo mínimo a ser distribuído aos acionistas será de R\$ 37 milhões. A deliberação do valor final dos dividendos referentes ao exercício de 2014 ocorrerá na Assembleia Geral Ordinária (AGO) da companhia, programada para o mês de abril.

A empresa registrou receita líquida recorde no quarto trimestre de 2014 de R\$ 2 bilhões, com aumento de 15% sobre o trimestre anterior. No acumulado do ano, a empresa fechou com R\$ 7,084 bilhões de receita líquida, resultado 2% maior que o de 2013. O volume de vendas em 2014 cresceu 2%, chegando a 5,305 milhões de toneladas. "Em um ano que começou com um cenário

desafiador, a Fibria encerra o período colhendo recordes operacionais e financeiros, reduzindo estoques, com reajuste de preços e câmbio favorável", diz Marcelo Castelli, presidente.

O Ebitda ajustado (lucro antes de juros, impostos, depreciações e amortizações) de R\$ 906 milhões no quarto trimestre de 2014 foi o maior já apurado pela empresa em um trimestre em toda a sua história, superando em 48% o resultado do terceiro trimestre e em 10% o montante do quarto trimestre do ano passado. A margem Ebitda também teve forte expansão e fechou em 45% no último trimestre do ano passado, 10 pontos a mais do que no terceiro trimestre e 3 pontos superior ao do mesmo período de 2013.

Atenta às oportunidades de mercado, a Fibria deu continuidade às iniciativas de gestão de seu endividamento, fechando 2014 com uma dívida bruta em dólares de US\$ 3,135 bilhões, uma expressiva redução de 25% sobre a posição de 2013 e uma queda de 10% diante do montante do terceiro trimestre de 2014. A dívida líquida da empresa encerrou o ano em US\$ 2,842 milhões, o menor patamar desde sua criação, contribuindo para que a alavancagem medida pela relação Dívida Líquida/Ebitda ficasse em 2,4 vezes, em dólares, ao fim de 2014, dentro da meta estabelecida na Política de Endividamento e Liquidez da companhia. O custo médio total em dólares da dívida caiu de 4,3% ao ano no fim de 2013 para 3,4% ao ano em 2014, ao mesmo tempo que o prazo médio da dívida foi ampliado de 52 para 55 meses, respectivamente.

A Suzano Papel e Celulose celebrou o primeiro ano de operação da Unidade Imperatriz (MA) no final de 2014. Considerada uma das fábricas de celulose mais modernas do mundo, a unidade, com capacidade instalada anual de 1,5 milhão de toneladas de celulose, recebeu investimento total de US\$ 3 bilhões (destinados à área industrial e à formação da base florestal) e atende, prioritariamente, aos mercados europeu e norte-americano. No final de 2014, a empresa anunciou alta de preço de US\$ 20 por tonelada, válidos a partir de janeiro último.

Já as vendas de papel no segmento de imprimir e escrever e papelcartão, conforme apontam os dados mais recentes da Iba, caíram em 2014, diante da estratégia dos compradores de manter estoques baixos. De qualquer forma, a Suzano vê o cenário como positivo para implementar o aumento de 9,4% anunciado em novembro último para papelcartão e de 10% para o de imprimir e escrever em janeiro último.

Reconhecendo que os segmentos de papel são os

A América Latina está aquém das proporções da China, mas isso não a impede de se posicionar como região atrativa para vários produtores de celulose

mais impactados pelo mercado doméstico, que tende a enfrentar um enfraquecimento ao longo de 2015 em decorrência dos ajustes que devem marcar a economia brasileira, a empresa planeja dar mais enfoque à exportação, buscando alocar o máximo possível da produção de papel no Brasil e direcionar o restante aos mercados das Américas e da Europa.

Os planos para os próximos meses ainda incluem investimentos de R\$ 1,5 bilhão, sendo R\$ 1,05 bilhão para manutenção, R\$ 50 milhões da parcela de pagamento do Vale Florestar e R\$ 390 milhões direcionados a projetos que visam melhorar a competitividade estrutural da companhia. Entre os projetos está o digestor da Unidade Suzano, localizada no interior de São Paulo, primarização de operações e modernização de equipamentos, redução do raio médio em São Paulo, programas de eficiência energética e o programa Pequenos Projetos, Grandes Retornos, em que os gerentes operacionais têm autonomia para realizar investimentos que contribuam para elevar a competitividade de suas unidades. Juntos, todos os projetos de competitividade têm retorno estimado na geração de caixa operacional de cerca R\$ 95 milhões ao ano, já a partir de 2015.

Para a Pisa Indústria de Papéis, 2014 foi um ano de bons resultados, mesmo com certa estagnação no volume de vendas. "Apesar do potencial de aumento de veiculação com notícias vinculadas à Copa do Mundo e às eleições, a demanda das empresas jornalísticas não

atingiu a expectativa", justifica Alex Pomilio, diretor-geral. Internamente, algumas mudanças de regulamentação, incluindo as áreas de operação, energia, financeira e de gestão de pessoas, exigiram constante avaliação e adaptação por parte da empresa.

O ano passado ainda foi marcado pelo processo de aquisição da fatia remanescente da Norske Skog, que seguiu um cronograma ordenado, tranquilo e transparente, conforme Pomilio. "Praticamente não houve mudanças operacionais; apenas a continuidade nas melhorias que já estavam planejadas ou em andamento em diversas áreas, desde o processo até a estrutura organizacional. O comando da empresa foi mantido devido a uma gestão já bem-sucedida em período anterior à conclusão da aquisição. Também cumprimos nossos planos e terminamos 2014 com o resultado esperado, apesar das dificuldades", resume ele sobre a fase de transição. Sobre os próximos passos a partir da aquisição, o diretor-geral afirma que, por enquanto, o plano é manter a produção atual da Pisa, que completou 30 anos de fornecimento contínuo de papel imprensa aos jornais e ao mercado gráfico brasileiros. "Alternativas futuras estão em análise, mas ainda de forma preliminar", adiantou.

Pomilio revela ainda que a produção da Pisa representa cerca de 30% da demanda nacional e enfrenta continuamente uma forte e desigual concorrência internacional. "As alterações de câmbio e o sistema tributário brasileiro são pontos de atenção constante", diz, ressaltando que 2015 promete somar outros desafios ao segmento, como o aumento dos custos de energia, advindo da renovação dos contratos a um valor bem maior do que os anteriores ou da cobrança maior de encargos como o ESS (referente ao combustível para ativação das usinas térmicas). "Temos trabalhado muito na eficiência de nossos processos, visando à melhoria de qualidade com maior eficiência energética. Já fizemos alguns progressos importantes", frisa ele sobre as estratégias adotadas pela empresa em prol do fortalecimento da competitividade. "Além disso, a Pisa é capaz de fornecer seus produtos praticamente just in time, fator que garante uma importante flexibilidade aos clientes em comparação à alternativa da importação", completa.

Ao abordar outro tipo de concorrência crescente, os meios digitais, o diretor-geral da Pisa diz reconhecer o espaço da mídia eletrônica, sem deixar de acreditar no papel como meio permanente de comunicação. "O setor tem se organizado para fazer da mídia digital parte de seu negócio, além de promover iniciativas de valorização da mídia impressa. Esses fatores nos fazem acreditar que nosso negócio seguirá gerando bons resultados em médio e longo prazo", pontua.



"O consumidor reconhece as qualidades da folha dupla. Por isso, a K-C vem investindo constantemente para que aconteça a migração de folha simples para folha dupla e tripla", diz Montanha

Para a Klabin, 2014 foi desafiador do ponto de vista econômico, já que os mercados internos menos aquecidos e a desvalorização do real ao longo de 2014 trouxeram uma série de incertezas ao mercado brasileiro. Segundo Fabio Schvartsman, diretor-geral, os diferenciais competitivos da empresa, como a alta produtividade florestal e a flexibilidade de seu mix de produtos (papéis e cartões para embalagens, embalagens de papelão ondulado e sacos industriais), entraram em cena. "A companhia atua em 30 países e conta com 93% de suas vendas destinadas ao setor de alimentos e bebidas, segmentos mais imunes que os demais às crises em todo o mundo."

Ainda fazendo um balanço de 2014, Schvartsman informa que a Klabin obteve bons resultados financeiros e seguiu com sua programação de investimentos. "Pela 13.ª vez consecutiva, a empresa apresentou crescimento no Ebitda, que atingiu R\$ 451 milhões no terceiro trimestre de 2014, valor 6% superior ao do mesmo período de 2013. Nos nove primeiros meses de 2014, a receita líquida da companhia totalizou R\$ 3,637 bilhões, com crescimento de 8% sobre o mesmo período do ano anterior. A Klabin também seguiu com os investimentos em projetos de expansão, como o cronograma das obras do Projeto Puma e os desgargalamentos nas Unidades Monte Alegre, em Telêmaco Borba (PR), e Angatuba (SP)", detalha.

O Projeto Puma, previsto para entrar em operação em 2016, está com 38% das obras concluídas. O diretor-geral lembra que se trata de um marco na história da Klabin, com custo industrial total previsto de R\$ 5,8 bilhões, excluindo-se impostos, melhorias em infraestrutura e ativos florestais. Schvartsman frisa ainda que o Projeto Puma foi desenhado desde o início para a autossuficiência energética. Para aumentar a geração de energia na Unidade, a Klabin investiu cerca de R\$ 200 milhões e prevê que, da receita gerada pelo Projeto Puma, cerca de 10% sejam provenientes da venda de energia. A unidade produzirá 270 MW, sendo 120 MW para uso próprio e 150 MW disponibilizados no sistema elétrico brasileiro – energia suficiente para abastecer uma cidade de meio milhão de habitantes, como Londrina (PR).

Após sua conclusão, a Unidade terá capacidade para produzir anualmente 1,5 milhão de toneladas de celulose: 1,1 milhão de toneladas de celulose de fibra curta (eucalipto) e 400 mil de celulose de fibra longa (pínus), sendo parte convertida em fluff, material utilizado para a produção de absorventes e fraldas descartáveis. "Com a produção dos dois tipos de fibra, a nova unidade pasará a oferecer ao mercado três tipos de celuloses: de eucalipto, de pínus e fluff em bobinas. Isso possibilita-

DIVULGAÇÃO IBEMA



rá à Klabin conquistar novos mercados, atender às diferentes demandas de seus clientes e, principalmente, tornar-se a primeira empresa brasileira a produzir celulose fluff no País", comenta o diretor-geral. "Para se ter uma ideia, hoje o Brasil é o terceiro maior consumidor de fraldas descartáveis do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec)", completa ele sobre o potencial da ampliação do portfólio.

Para 2015, as atenções da empresa estão concentradas em seguir com os cronogramas do Projeto Puma e os demais investimentos planejados. "Com a instalação da nova máquina de papel reciclado na Unidade Goiana (PE), a Klabin adicionará 110 mil toneladas na produção de papel reciclado por ano e, com os novos desgargalamentos nas Unidades Angatuba e Piracicaba (SP), acrescentará 50 mil toneladas por ano à produção de papéis", lista Schvartsman. Com foco no longo prazo, a empresa fará um grande investimento na área de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (P&D&I), para aprimoramento do trabalho nessa área. "A companhia irá construir um laboratório focado em inovação. Ainda é cedo para dar mais detalhes sobre o projeto, mas é possível dizer que será o maior investimento da história da Klabin realizado na área", adianta o diretor-geral.

A Ibema Papelcartão credita os bons resultados de 2014 às mudanças que implementou, em especial à comercialização de novos produtos, melhoria de qualidade do portfólio e serviços. "Em comparação aos resultados de 2013, tivemos melhor desempenho, embora pudéssemos ter um resultado ainda mais expressivo. Fomos

Diante do cenário previsto, a Ibema planeja atuar com o mesmo volume de produção de 2014



Szysko: "Na contramão da maioria dos setores da economia, os papéis térmicos, um de nossos principais produtos, apresentou crescimento de cerca de 10% em 2014"

prejudicados pela alta dos juros, que nos obrigou a reduzir os investimentos e pode trazer reflexos negativos no futuro", faz o balanço Clécio Chiamulera, diretor financeiro da empresa.

As oscilações do cenário econômico também são apontadas como pouco favoráveis ao setor. "Com um crescimento muito baixo, o segmento acaba sofrendo prejuízos. Além disso, em períodos de aumento da inflação, a relação entre clientes e fornecedores fica muito tensa, pois há necessidade de repassar o aumento de custos por parte dos fornecedores e também de controlar os custos por parte dos clientes. Quando o cenário é positivo e a inflação mantém-se baixa, a empresa dedica energia às melhorias de produtos e serviços, que agregam valor a todos e aumentam a competitividade", lamenta ele sobre o atual descontrole da inflação.

Para 2015, Chiamulera diz que a expectativa é de relações comerciais ainda tensas – pelo menos até o controle da inflação e a estabilização da economia brasileira. Diante do cenário previsto, o diretor financeiro revela que a Ibema planeja atuar com o mesmo volume de produção de 2014. Instalada no município de Turvo (PR), a fábrica tem capacidade de 90 mil toneladas anuais de papelcartão.

O bom ritmo de negócios de 2014, inicialmente impulsionados pela Copa do Mundo e em seguida pela manutenção do nível de consumo no varejo, possibilitou à OJI Papéis Especiais um bom desempenho no ano. "Na contramão da maioria dos setores da economia, os papéis térmicos, um dos nossos principais produtos, apresentou crescimento de cerca de 10% em 2014. A alta do dólar, que dificulta a importação, contribuiu para esse resultado, incentivando a produção local. Esse cenário se evidenciou nos resultados apresentados pela OJI, com o aumento do volume de produção e os seguidos recordes de vendas atingidos", comemora Silney Szysko, diretor comercial.

Os resultados, frisa Szysko, permitem à empresa dar continuidade aos investimentos em capacidade para atender às novas demandas, além de trabalhar fortemente no desenvolvimento de novos produtos e consolidar o posicionamento na América Latina, tido como forte pilar estratégico da organização. "O mercado global tem feito novos investimentos para suportar o crescimento da América Latina nos próximos anos, e a OJI tem acompanhado essa movimentação."

Para os próximos anos, adianta o diretor comercial da empresa, a estratégia da OJI se estrutura no sentido de se alinhar a essa movimentação. "Recentemente, concluímos dois projetos de grande impacto que contribuiriam para o aumento de cerca de 20% na capacidade produtiva de papel térmico, passando de 50 mil para 62 mil toneladas/ano, e a diminuição do consumo de energia elétrica na fábrica, impactando positivamente em nossos custos. Iniciativas assim são respaldadas pelas respostas do mercado e impulsionam a empresa para o futuro", informa ele sobre os projetos de melhoria na área produtiva, que têm elevado a OJI a um patamar mais competitivo.

Falando especificamente dos planos para 2015, Szysko revela que o desafio é participar intensamente do mercado de térmicos na América Latina, cuja particularidade é o alto nível de competitividade. "Já abrimos diversas frentes em 2014 para consolidar nossos produtos, bem como criar uma relação de longo prazo com os clientes dessas regiões", fala ele a respeito da estratégia adotada.

Alguns entraves, contudo, também terão de entrar na pauta estratégica da companhia. No mercado interno, Szysko acredita que o grande desafio ainda fica por conta da infraestrutura e da organização econômica e fiscal que o País vai enfrentar. "Já no mercado externo, precisamos melhorar nossa competitividade, principalmente na redução dos custos logísticos", diz. No cenário global, Szysko aponta as desvantagens do baixo volume de negócios, em função da crise enfrentada nos principais mercados, como o europeu. "Isso pode gerar um desequilíbrio entre oferta e demanda e uma consequente pressão nos preços", justifica.

Em janeiro último, a International Paper divulgou que os resultados líquidos de 2014 atribuíveis aos acionistas ordinários totalizaram US\$ 555 milhões (contra US\$ 1,4 bilhão em 2013). No quarto trimestre de 2014, a empresa obteve resultados líquidos de US\$ 134 milhões em comparação aos US\$ 436 milhões no quarto trimestre de 2013. Os montantes de todos os períodos incluem itens especiais, despesas não operacionais com planos de pensão e operações descontinuadas.

## MUDANÇAS À VISTA NO MERCADO INTERNACIONAL DE PAPEL E CELULOSE

Por Thais Santi

Na América Latina, a entrada de novas capacidades de celulose de fibra curta branqueada em 2014, que hoje representa um total global superior a 37 milhões de toneladas, reafirmou a demanda pela commodity no mundo e a igual capacidade desse mercado em se ajustar ao novo cenário de grandes volumes, que deve continuar crescendo a um ritmo que comporta aproximadamente uma nova fábrica de grande porte, ou seja, de 1,5 milhão de toneladas por ano, conforme previsão da RISI. Com a entrada dessa produção no mercado, as previsões de queda nos preços da celulose de fibra curta se concretizaram no segundo semestre do ano passado. Ao mesmo tempo, também aconteceram fechamentos de capacidades, equilibrando essa operação.

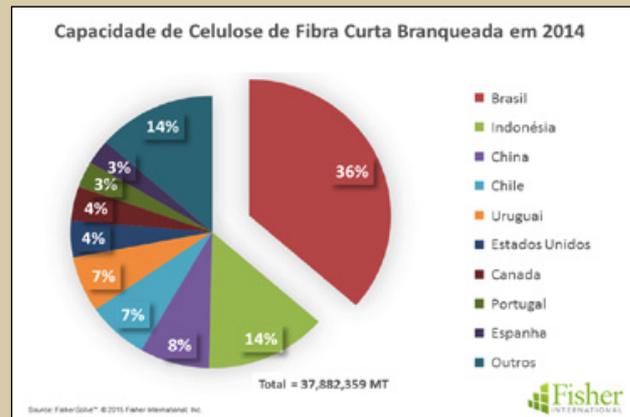
“Nas vendas líquidas para a China, os preços chegaram a US\$ 550 por tonelada. Para algumas empresas na América do Norte, com alto custo de produção, esse número representou o shutdown point, sem condições de continuar a competir. Dessa forma, os fechamentos que se sucederam ajudaram a recuperar os preços do mercado, mas apenas temporariamente”, explica Kurt Schaefer, vice-presidente Fiber da RISI.

Para entender tal comportamento do cenário global de celulose de fibra curta, é importante visualizar como se dá a relação de oferta e demanda entre os países. No mercado de celulose, considera-se o Brasil uma região de oferta, com 36% da capacidade de produção de fibra curta branqueada. Novos desenvolvimentos podem ocorrer, favorecidos pela taxa de câmbio, mas não tanto pela situação econômica – assim como a Rússia, que representa uma grande força na oferta de fibra longa. Segundo o vice-presidente da RISI, a recente instabilidade econômica do Brasil dificulta previsões mais certas sobre os desenvolvimentos futuros.

Já a Índia e a China se destacam como regiões basicamente de demanda, exercendo papéis diferentes na interação com o mercado de celulose. “A Índia tem uma demanda que deve permanecer relativamente pequena no futuro, enquanto a China certamente é o mercado a que devemos estar mais atentos”, comenta Schaefer. Ainda que vivencie uma desaceleração na sua economia, o especialista não vê impactos para uma possível redução da demanda de importação, pois ainda há um grande espaço para crescimento da demanda interna de produtos como papéis higiênicos e tissue no geral.

Além disso, a demanda por celulose fora do país asiático está crescendo lentamente, possibilitando a diversificação da exportação das grandes fabricantes brasileiras, que hoje ainda são bastante dependentes do país. “O enfraquecimento dessas economias manterá o desenvolvimento da procura por celulose estável com alguma melhora somente em 2016. Já os Estados Unidos estão economicamente bem, exatamente como o esperado, mas ainda é importante destacar que se trata apenas do terceiro mercado em demanda de celulose, atrás da China e da Europa, porque a maior parte da celulose consumida nos Estados Unidos é feita pelos fabricantes locais de papel”, aponta o vice-presidente da RISI.

A previsão para o mercado de fibra longa é ainda mais incerta por conta do comportamento do mercado, uma vez que os preços se mantiveram em alta por mais tempo que o previsto devido a problemas de capacidade, principalmente na produção dos Estados Unidos no último inverno e também porque, durante todo o ano de 2014, houve muito menos capacidade na Rússia do que o estimado. Em 2015, finalmente os preços começaram a abaixar na China, sendo que a diferença atual entre a celulose de fibra curta e a de fibra longa ficou um pouco abaixo dos US\$ 100. “Antes, a diferença era tão grande que se tornou insustentável para as indústrias consumido-



ras, que passaram a substituir a fibra longa pela curta. Resultado? Na época, aumentou o preço da fibra curta e diminuiu o da fibra longa, o que foi bastante incomum, mas esperado, dada a atual situação. Esse cenário deve se estender até meados deste ano, para quando se espera estabilização dos preços e recuperação da demanda por fibra longa”, explica o executivo da RISI. “De modo geral, as commodities estão enfraquecidas, mas a demanda global por celulose fluff deve crescer aproximadamente de 3% a 4% em 2015 por conta de novas capacidades provenientes de conversões e retomadas de produção nas Américas”, completa Schaefer.

Do lado da oferta, o mercado está muito diferente no período dos últimos três a seis meses, devido ao que tem ocorrido com as taxas de câmbio. O enfraquecimento das moedas europeias (não só do euro, mas também das moedas de países como a Suécia e a Noruega) acabou por reduzir substancialmente o custo de produção na Europa em relação ao dólar americano, enquanto os preços estiveram em alta. “Certamente não há problemas de lucratividade para os produtores europeus neste momento, de forma que a única possibilidade de haver fechamentos seria por grandes problemas mecânicos ou uma grande consolidação que pudesse causar esse impacto em alguma fábrica. Se isso acontecer, é provável que este fechamento esteja gerando retorno financeiro, o que não é muito comum”, comenta o especialista da RISI.

Por sua vez, o mercado de papel, sim, vive uma grande transformação e trará grandes mudanças, que serão anunciadas ao longo do ano. Como exemplo, a recente fusão da Mead Westvaco MWV e Rock Tenn, representando um novo momento para o segmento de caixas de papelão ondulado. Em 27 de janeiro último, as empresas anunciaram o acordo, cujo valor acionário chega a US\$ 16 bilhões. Trata-se da segunda maior empresa norte-americana de embalagens, ficando atrás apenas da International Paper. Kerr acredita que novas aquisições, desta vez na área de papéis de imprimir e escrever, ainda se concretizem na região.

Na Europa, especialmente por ser um mercado de papel maduro, é provável que haja consolidação. Infelizmente, essa consolidação será alcançada em parte através de falências, uma vez que a região não tem líderes de mercado evidentes que possam estar dispostos a tomar todas as dificuldades dos fechamentos necessários para equilibrar oferta e demanda.

**(Confira as previsões da RISI para o mercado internacional de papéis na reportagem da edição de outubro de 2014: <http://www.opapeldigital.org.br/pub/papel/?numero=10>)**

Os investimentos em celulose no Brasil estão diretamente ligados ao crescimento de produção/consumo de papéis em âmbito global, principalmente na China

Já o lucro operacional do ano completo de 2014 foi de US\$ 1,3 bilhão (em 2013, foi de US\$ 1,4 bilhão), enquanto as vendas anuais totalizaram US\$ 23,6 bilhões em 2014 (contra US\$ 23,5 bilhões em 2013). O lucro operacional dos negócios em 2014 foi de US\$ 2,8 bilhões e de US\$ 2,6 bilhões em 2013.

“A International Paper alcançou caixa recorde das operações por meio de forte desempenho do grupo de embalagem industrial norte-americano”, afirmou Mark Sutton, presidente e CEO da empresa. “À medida que entramos em 2015, o fortalecimento da economia norte-americana está nos ajudando a compensar o ambiente global desafiador. Com foco em execução, a IP espera entregar mais um ano de crescimento dos resultados e fluxo de caixa livre forte.”

O desempenho dos negócios da empresa é medido a cada trimestre sem variações causadas por itens especiais. Os lucros operacionais dos negócios do quarto trimestre de 2014 e as tendências dos negócios em comparação com o trimestre anterior estão divididas por segmento.

Em embalagem industrial, os lucros operacionais no quarto trimestre de 2014 somaram US\$ 484 milhões e US\$ 569 milhões no terceiro trimestre de 2014. A queda nos ganhos foi em grande parte devido às despesas mais altas, com paradas de manutenção planejadas, preços de exportação mais baixos e despesas operacionais mais elevadas. O negócio de caixas da América do Norte terminou o trimestre com a mais forte demanda sazonal desde 2010.

Nos papéis para imprimir, os lucros operacionais foram de US\$ 155 milhões no quarto trimestre de 2014, contra US\$ 192 milhões no terceiro trimestre de 2014. Nos Estados Unidos, a queda dos ganhos foi principalmente devido às despesas mais altas, com paradas anuais de manutenção para papel, enquanto os ganhos com celulose se beneficiaram com menos paradas anuais de manutenção. No Brasil, o volume e o mix de produtos melhorou trimestre após trimestre, refletindo melhorias sazonais, mas foram prejudicados pelas altas despesas operacionais e por paradas de manutenção. Na Europa, apesar das desafiadoras condições de mercado, os volumes foram mais altos. Os resultados da Europa também sofreram impactos dos custos mais altos.

Em embalagem de consumo, os lucros operacionais foram de US\$ 55 milhões no quarto trimestre de 2014 e de US\$ 79 milhões no terceiro trimestre de 2014. Os resultados do papelão revestido norte-americano diminuíram devido ao volume mais baixo de vendas e gastos mais altos com manutenção anual planejada, que foram parcialmente compensados por melhores custos de in-

sumos. A receita e o volume para o negócio de serviços alimentares da IP atingiram níveis recorde.

Mesmo com o processo de transição de diretoria, tanto no Brasil quanto em outras unidades da América Latina, a Kimberly-Clark manteve a taxa de crescimento na casa dos dois dígitos, como nos últimos anos. A empresa fechou 2014 com faturamento bruto de R\$ 3,8 bilhões, em linha com seu plano estratégico, traçado até 2020. “No setor de Cuidados com a Família, tivemos pressão de aumentos de custos e o desafio de continuarmos líderes de mercado no segmento *premium* e *superpremium*. Como alternativa para eliminar o aumento de custos, trabalhamos fortemente em ganhos de produtividade operacional e logístico, por meio de projetos de melhoria contínua, como Lean Manufacturing e Seis Sigma. Em liderança de mercado, a K-C continuou a investir em suas marcas e buscou inovações baseadas em entendimento com consumidores”, descreve Sérgio Montanha, diretor de Operações da Kimberly-Clark Brasil.

O ano de 2014 também foi marcado pelo crescimento em todas as categorias de atuação da K-C (Personal Care, Family Care e Profissional). Entre elas, Montanha ressalta a importância da categoria de Papel Higiênico, visto que tem penetração de 99% nos lares e representa a segunda maior categoria dentro da cesta de higiene e beleza do mercado e da companhia, segundo dados da Nielsen. “Observamos um crescimento acelerado de folha dupla. O consumidor reconhece suas qualidades, incluindo maior maciez, branquidão, absorção e resistência. Por isso, a empresa vem investindo constantemente para que aconteça a migração de folha simples para folha dupla e tripla.”

Além do crescimento em todas as categorias, a K-C cresceu em todas as regiões do País, com destaque para a região Nordeste. “Em 2013, inauguramos a planta e o centro de distribuição (CD) de Camaçari (BA). A nova fábrica, que produz papel higiênico, fraldas e absorventes, foi projetada para responder à demanda crescente por produtos de higiene relacionada com a ascensão social e econômica no Brasil. Hoje, o CD faz a logística de todo o consumo do Nordeste, e desse total 70% já são produzidos na própria unidade. Devido a esse foco, em 2014 a K-C cresceu acima de 30% na região, representando hoje já cerca de 25% do negócio”, revela Montanha.

Para 2015, a ambição da companhia é seguir com a mesma taxa de crescimento em todas as categorias e regiões em que atua. “Partiremos uma nova planta de produção de wipes em Suzano (SP), com 100% de tecnologia proprietária e investimento médio de R\$ 100 milhões. Essa planta fornecerá matéria-prima para as categorias de Personal Care e Family Care”, aponta o diretor de Operações da K-C Brasil. ■